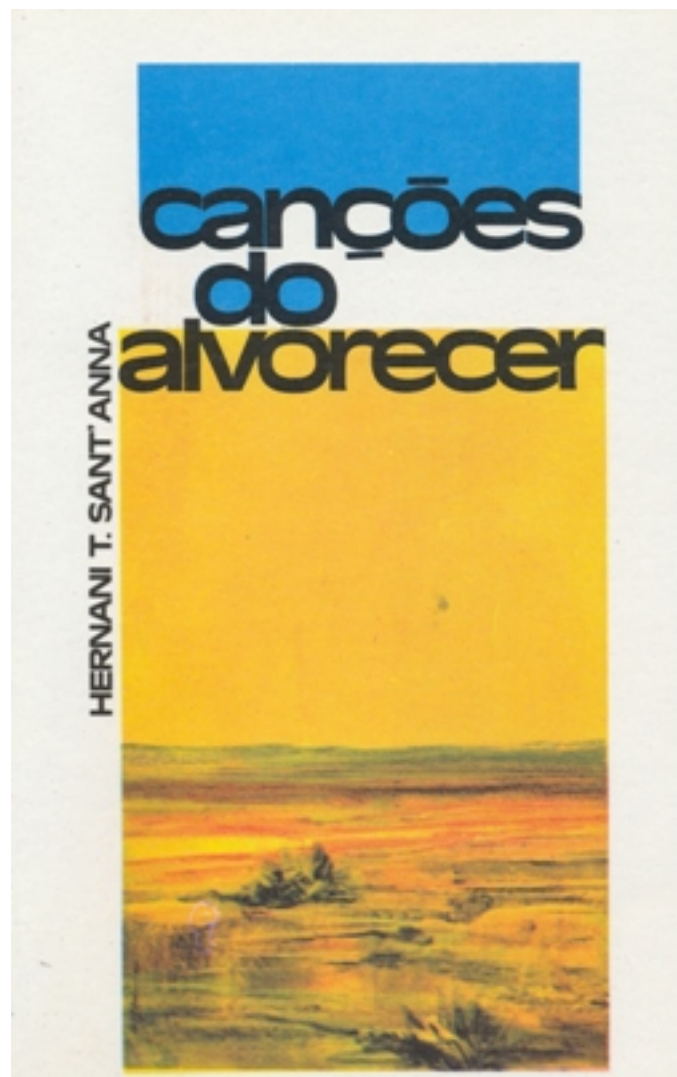


CANÇÕES DO ALVORECER

FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA

RIO DE JANEIRO - RJ



ÍNDICE

Dedicatória	Convite
Mensagem a Hernani	O romance de uma vida
Deus	Renovação
Jesus	Segue, Irmão!
Memorando Kardec	Lágrimas e risos
À Mocidade Espírita do Brasil	Oração
Trabalhemos	Alma penada
Porfiemos	Age, Irmão!
Lembrando o Gólgota	A dor
Nova Luz	A um coração
Encouraçai-vos!	À Celinha
Espera	Mocidade
Sursum!	O Espectro
Síntese evolutiva	Segue ainda
A grande transição	A minh'alma
Apelo	Ao Mestre
Mocidade Cristã	Ante o Além
Se vires tu alguém	Destino
Estranhezas	Mistérios
Noutro mundo	Fonte Interna
O Verbo	Escuta!
A Morte	Solidão
A Lenda	Vamos!
A lenda das estrelas	Senhor
Velado arcano	À frente, moços!
A ilusão do tempo	Avante!
A bênção das lágrimas	Caminhemos!
Quando enfim	Sigamos
Exortação à Juventude	

DEDICATÓRIA

À minha doce mãe – fada amorosa
Que me velou os passos toda vida.
A você, minha Nilda – flor querida
Que encheu de amor a minha solidão.
A você, meu filhinho idolatrado,
Em quem ponho as mais altas esperanças.
Aos moços, aos aflitos, às crianças,
E aos amigos leais do coração.

Hernani T. Sant'Anna

MENSAGEM A HERNANI

Meu amigo:

O Evangelho é também Poesia Divina da Sabedoria e do Amor, a estender-se no mundo em cânticos de fraternidade e serviço.

Cristo é o Mensageiro da Eterna Beleza, gravando, ainda e sempre, poemas de alegria e paz, consolação e esperança nas páginas vivas do coração humano.

E o Mestre da Bondade Infinita, que brilha na excelsitude de teus motivos e no arrojo de tuas rimas, abençoará os vãos sublimes de tua inspiração, para que a mensagem de luz deste livro fulgure para a Humanidade, como estrela flamejante, apolarizar revelações do Céu para a Terra e a refletir anseios da Terra para o Céu.

DEUS

Ó Deus! que sois Eterno Pensamento,
A Vontade Suprema, o Movimento,
Por excelência – a Ação!
Que sois a Fonte donde jorra Vida,
Que sois o Ignoto Ponto de Partida
De toda a Criação!

Deus! Pai Augusto e Bom dos Universos!
Aceitai minha prece nestes versos,
A minha adoração!
Que a pobre minha lira se estremece e humilha,
Quando a minh'alma, ó Pai! – a vossa filha,
Entoa esta canção!

Desde a ameba perdida pelos amres
Desde o inseto que plaina pelos ares
Velais por mim, Senhor!
E pelo tempo em fora vos buscando,
Hei-de ir chorando e rindo e me arrastando.
Empós do Vosso Amor!

Vossa grandeza imensa não me esmaga!
Vossa destra potente e amiga afaga
O vosso gilho, ó Deus!
E eu me esforço e canto delirante
Quando vos fito a sós, por um instante,
Do val dos prantos meus!

O' Deus! O' Pai! O' Vida! O' Amor Eterno!
Sede bendito, pois! Eu me prosterno
Perante Vós – ó Luz!
Dai-me coragem, Pai, para buscar-Vos!
Dai-me força e fé para encontrar-Vos
Nos passos de Jesus!

JESUS

Nas cavernas da Treva a noite entrava escura...
Gemia o vendaval do pranto e da amargura

Nos pélagos sem luz!
O delírio cruel cobria-se de palmas...
O mal, fero e triunfante, escarnecia as almas,
Do desespero à cruz!

Soluços e rugidos pelo ar sombrio
Ecoavam sem cessar... No pântano bravio
Jaziam monstros vis!
Espectros do terror insanos gargalhavam,
Enquanto que do solo as fenda vomitavam
Coriscos e fuzis!

Blasfêmias, maldições, sarcasmos e gemidos
Cruzavam-se no charco pestilento e fundo...
Quem pode descrever os uivos doloridos
De monstros a lutar no precipício imundo?

*

Mais eis que um Sol de Luz brilhou na treva escura!
Um sol de excelso alvor, de magia ternura,
Encheu de aroma o val!
Meu Deus! os prisioneiros se erguem redimidos!
Os gênios do terror soluçam comovidos
E capitula o Mal!

Perfume estranho os ares embalsama!
O' Deus de Excelso Amor! Que coração de Flama
Transforma a treva em luz?
...E no silêncio imenso do Infinito
Murmura o pobre coração proscrito
O nome de Jesus!

MEMORANDO KARDEC

Desde as eras mais remotas
Foi tema sem solução
O escopo da vida humana
Da dor a ignota equação.

A Divindade, o Universo
A Morte, o Destino, o Ser,
Eram mistérios profundos,
Impossíveis de entender!

Como explicar o Infinito?
A Justiça? o Bem e o Mal?
O princípio e o fim das coisas?
O verdadeiro? o irreal?

Filosofias, sistemas,
Teses, hipóteses mil...
Espumas que desfazem
No dorso dum mar de anil...

Lao-Tsé, Confúcio, Buda,
Moisés, Vedanta, Zenão...
Fo-Hi, Sócrates, Sankara,
Aristóteles, Platão...

Duro, inquietante problema!
Quem pôde lançar-lhe luz?
Sòmente o Sábio dos sábios
Elucidou-o: - Jesus!

Tal qual do seio azulado
Dos céus abertos em flor,
Assim jorrou dos seus lábios
A Verdade feita Amor!

Mas, ó seios infecundos!
Estéreis campos talados!
Seus ensinamentos preciosos
Foram todos deturpados!

Amor? Piedade? Doçura?
Renascimento? Perdão?
Como abrigar a um só tempo
Sombra e Luz no coração?

E o Evangelho Divino
Foi transformado, a seguir,
No acervo de erros e crimes
Que o homem fez erigir!

Céus de prazer ocioso!
Infernos de rubra chama...
Altars d'ouro e diamantes...
Romances de infausta trama!

O pensamento, contudo,
Que desconhece mordaza,
Rompeu o mando do erro,
Qual rasga roupas a traça!

A Ciência, qual ciclone
Que faz cair casarões,
Derribou crenças ingênuas,

Fortalezas de ilusão...

Do centro da terra, o inferno,
Qual mito expulso saiu...
Não eram presos os astros!
Adão jamais existiu!

Falsa fé! Os alicerces
Dum poderio ilusório,
Ruíram quais galhos secos
Do alto dum promontório!

Então, na cega revolta
Dum vil orgulho sem par,
- “Deus não existe!” – disseram
Alguns loucos, a bradar.

Materialismo, doidice,
Positivismo, utopia,
Concepções as mais loucas
Sugiram à luz do dia.

Caos! Ventos de cepticismo
Varreram, de Sul a Norte,
O mundo em trevas imerso,
Num cataclismo de morte!

O fantasma da descrença,
Num riso descomunal,
Plantava o joio de escárnio
Da Terra no fundo val!

Foi então que um lírio excelso

Rebentou no solo impuro...
Madrugada peregrina
Surgiu no horizonte escuro...

Nas sombras da noite imensa
Brilhou, qual Sol de áurea luz,
Novo Arauto da verdade
Embaixador de Jesus!

Na França surgiu Kardec!
E sobre os vales da dor
Pairou, de novo, cantando
O arcanjo do Puro Amor!

Preconceitos enganosos,
Dogmas ditos de fé
Ídolos d'ouro e de prata
Não mais se firmam de pé!

Volve à pureza o Evangelho!
O destino é claro, agora!
O' seres de toda a parte
E' vinda a Suprema Aurora!

Caridade! Paz! Justiça!
Fraternidade! União
Bênçãos de Nova Aliança!
Felicidade! Perdão!...

A vida é bela! O infortúnio
Sabemos hoje que passa
Como uma noite que foge
Ou como uma ave esvoaça...

Bendito sejas, Kaderc,
Nos Altos Planos do Além
Por toda a graça que vibra
Nos novos Templos do Bem!

E' bem verdade que o mundo
Não pôde ainda entender
Toda a beleza fulgente
Que lhe vieste trazer.

Mas, amigo, espera um pouco!
O tempo passa... Amanhã,
Quem sabe, a Luz da Verdade
Não brilhará mais louçã?

A tua obra não morre!
E' de amor – triunfará!
O espiritismo é do Cristo!
E' do cristo e vencerá!

À MOCIDADE ESPÍRITA DO BRASIL

Mocidade da Terra do Cruzeiro,
Ergue a voz carregada de esperança,
Nos hinários da Luz e da Bonança
Sobre os vales do mundo em convulsão!
Consola, anima, ajuda, remodela,
Criando um novo mundo mais fraterno,
E levanta o pendão do amor eterno
Sobre os esquifes da paixão!

Mocidade, és fanal do orbe aflito!
Não repouses, portanto, não porfia!
Rega os doces canteiros da alegria,
Sobre a Terra do pranto redentor!
Leva a tua mensagem de bondade
Onde quer que campeie o sofrimento,
E aponta as mansões do firmamento
Consolando os que gemem sob a dor!

Deus te guie pelas margens do caminho,
Sustentando-te o passo renovante,
Para que, prosseguindo sempre

TRABALHEMOS

E' preciso estender a luz por toda a parte.
Valhamo-nos do verbo, da cultura, da arte,
Dos livros e do malho!
E' mister semear o bem puro e fecundo,
Por todos os desvãos e recantos do mundo,
À força de trabalho!

Só podemos gozar de paz e de alegria
Quando o obre viver no clima da harmonia,
Da virtude e do amor!
Preparemos, portanto, a aurora da bonança,
Nos esforços da crença e da perseverança,
Incólumes à dor!

Inflamados de fé, de vida e de verdade,
Enfrentemos as sombras densas da maldade,
Na glória de servir;
E veremos erguer-se, augusta e sublimada,

A manhã deslumbrante, excelsa e aureolada,
Dum divino porvir!

PORFIEMOS

Se o clarim do Apocalipse
Já pelos ares ressoa,
Se no infinito já ecoa
A Voz que ordena – “marchar!”;
Se para a Frente e p’ra Cima
A Humanidade é chamada,
Se a gloriosa jornada
E’ tempo de acelerar!

O’ Pátria, desperta! Sacode fagueira
A antiga lascívia dos musc’los viris!
Rasguemos sorrindo os grilhões da maldade,
Barremos o avanço das sombras hostis!

A liça é gigante! Nos vales do mundo,
O crime se esbate nas garras da dor!
Rompamos as brumas do pélago fundo,
Com raios divinos santos de Amor!

No arcano celeste dos vastos espaços
Reúnem-se ao Cristo Falanges de Luz;
E o Doce Messias, abrindo os seus braços,
A Terra abençoa dos astros em cruz!

À luta, valentes! De ardor inflamaods,
Terçamos, heróicos, as armas da fé!
OS novos soldados do Bem, da Verdade,
Deitados não vivem, pelem de pé!

As sombras não podem vencer os luzeiros!
A noite se extingue na luz da manhã!
O' moços, creiamos que são derradeiros
Os uivos que agora rebrana Satã!

O Mal já agoniza na dor da batalha!
O Espiritismo Imundo não pode com Deus!
O' Pátria, não temas tombar na mortalha,
Que filhos de Gracos não são Prometeus!

LEMBRANDO O GÓLGOTA

Dos vales tristes do mundo,
No negro, sombrio fundo,
Já muito sangue rolou!
Muita lágrima pungente
De muito olhar inocente
Por sobre a Terra tombou!

Muito drama revoltante,
Muita injustiça flagrante
A Humanidade já viu;
Mas processo tão doloso,
Crime assim tão pavoroso,
Ai, nunca! nunca existiu!

Sempre a perfídia de um crime
Uma outra falta redime
Num coração pecador
Mas aquele réu augusto
Era dos justos o Justo
Era dos Anjos Senhor!

Ele não tinha pecado
Seu coração devotado
Soubera apenas amar!
Sòmente o bem espalhara,
E, entanto, a turba ignara
Levava-O para O matar!

Pelas ruas tortuosas,
Pelas sendas perigosas,
Arrastavam-n'O sem dó!
A cruz dos ombros suspensa,
No peito – tortura imensa,
No corpo – chagas e pó!

Contudo, o manso Cordeiro,
O Divino Seareiro,
O Sublimado Pastor,
De cada dura pedrada
Fazia rosa orvalhada
De piedade e de amor!

A criminosa ironia,
Qual lança aguçada e fria,
Cortava-lhe o coração;
Ele, porém, transformava
De cada blasfêmia a bava
Em complacência e perdão!
Do testemunho cruento
Chegando o duro momento,
Abandonado se viu...
Sòmente a Mãe Crucuada,
De poucos acompanhada,

Fiel, constante, O seguiu!

Onde estava o Pedro amado?
André? Tiago? – Isolado
Era de todos os seus
E sobre a face inocente
Ria a nobreza insolente,
Desciam punhos plebeus!

Chegou, por fim, ao Calvário
A sinistra caravana;
Tal como o amor, a loucura
Também aos homens irmana.
De suas vestes despido,
Qual celerado bandido
Foi o Sublime Rabi;
Mas, quando ao poste pregado,
Foi no monte levantado,
O mundo atraiu a si!

Sim, Senhor! O tosco lenho
Que te foi leito de dores,
A cruz dos teus sacrifícios,
A cruz dos teus amargores,
Plantada no alto do monte,
Rasgou do tempo o horizonte,
Como um cometa e luz!
E dois mil anos passados,
Teus verdugos prosternados
Perdão te pedem – Jesus!

Ah, teu martírio espantoso,
Teu sacrifício divino,

Da Humanidade perdida
Iluminou o destino!
Sim, Jesus! Só teus tormentos,
Só teus joelhos sangrentos,
Só tua morte sem par,
Guardariam a virtude
De dar às almas saúde
De sendas novas rasgar!

Não te entendeu a bondade
A passada Humanidade
Dos dias que lá se vão...
Mas novos tempos chegados,
Teus ingratos afilhados
No teu encalço já vão!

A mocidade agora
Já presente a nova Aurora
Dos Evangelhos de Amor...
A mocidade já sente
Que só o manso, o clemente,
Pode ser grande, Senhor!

A mocidade te segue!
Inda que o mundo te negue,
Contigo os jovens irão!
Para o calvário das dores,
Para o céu dos teus amores
Para a luz da redenção!

NOVA LUZ

Quando a Dor apontou na minha estrada

De luz e de bênçãos coroada,
Meu ser se reflorou.
Novo canto ecoou dentro em minh'alma,
E uma doce, sublime, estranha calma
Então me visitou.

Nas cavernas sombrias de mim mesmo,
Por onde tanta vez vagara a esmo,
Tesouro divisei.
Meus sofreres tocaram-se de encantos,
E da própria negrura dos meus prontos
Mil flores retirei.
Quantos vastos poderes dormentados
Ao seu toque se ergueram, despertados,
Do paço interior!
Quantas mil sinfonias esquecidas
Ressoaram, de novo vivescidas,
Em ritmos de amor!
Quanta oculta verdade que eu não via,
Belezas idéias que eu não sentia,
Surpresa descobri!
E qual novo turista em mundo estranho
Calmo, ao ver essa luz em que me banho:
- "Ai! Dantes não vivi!"

Não vivi, pois a vida é sentimento
De tudo o que nos toca sem ofrimento
Ou exalta no prazer.
Quem nas próprias angústias não se encanta
E não sabe chorar se o riso canta,
Não sabe inda viver.

Ah, viver é sorrir nas próprias dores

Chorar – na luz dos próprios esplendores,
E não saber que o faz
E lutar cada hora, cada instante,
Guardando, na batalha esfuzilante
O coração em paz.

Quando a Dor apontou na minha estrada,
De luzes e de bênçãos coroada,
Meu ser se reflorou.
Novo canto ecoou dentro em minh'alma,
E uma doce, sublime, estranha calma
Então me visitou.

ENCORAÇAI-VOS!

Caras irmãs: a existência,
Nos vales da dor humana,
Pode ser porfia insana,
Ou esforço de redenção;
Procela devastadora
Das mais doces esperanças.
Ou de preparo de bonanças,
De luzes e salvação.

Se com o mal nos unirmos,
Para as pelejas do orgulho,
Faremos horrendo entulho
De desespero e de agror;
Mas, se buscarmos do Cristo
A celeste companhia,
Colheremos a alegria das bênçãos do eterno amor.

Se a loucura da maldade

Forja milhões de amarguras,
As tempestades de agruras
Não logram vencer a Luz;
E a sombra resta imponente
Ante os florões de bondade
Que nascem da caridade
Dos seguidores da Cruz.

Encouraçai-vos, portanto,
Na fortaleza da prece,
No bem que não desfalece,
Nas claridades do amor,
E vossa vida na Terra,
De bênçãos multiplicada,
Será fonte abençoada
De glórias e de esplendor!

ESPERA

Jamais olvides, meu filho,
Que a Verdade é como o Sol;
Podem vir as tempestades,
Cheias de trevas e maldades...
Virão sempre as claridades
Dum novo e santo arrebol!

Não te gastes na tormenta!
Não cedas à dor de agora!
Levanta os olhos e espera
A divina primavera,
Na luz da celeste aurora!

Luta, sofre, chora e avança!
Suporá a dor bem sofrida!

Nas alturas sublimadas
Esperam-te as alvoradas
Das primaveras da vida!

SURSUM!

Que sofres, bem o sei. Mas ouve, irmão querido:
A vida é um combate insano e dolorido
Que temos de vencer.
Deixar que a liça nos derrube e esmague,
E a luz da crença em nosso peito apague,
E' pior que morrer!

Não pouca gente neste mundo existe
Que leva a fronte desolada e triste,
Em perene carpir...
De braços quedos, de esperança morta,
Sem perceber que veda a própria porta
À glória do porvir!

Não sejas tu assim. Que sobranceiro
Estruja o teu cantar no mundo inteiro,
Anunciando o Sol!
Que falem nos teus gestos, nos teus olhos,
Não a dor funerária dos abrolhos,
Mas a fé do arrebol!

Levantemos o ânimo do mundo,
Desfazendo esse caos fero e profundo
De pessimismo e dor
Proclamando a bondade soberana
Que há-de trazer à geração humana
O reinado do amor!

SÍNTESE EVOLUTIVA

No princípio é o Cosmo que se agita,
Sem expressão nem forma definida;
A essência prima e bruta revolvida
Que se agrupa, se adensa e se engranita.

Depois, é o vegetal, no qual já habita
A primeira eclosão da luz da vida
E' o Animal, a iniciar a lida
De alevantar o Ser que em si palpita.

Depois, é o Homem – equação divina
De consciência, senso e de razão!
O Homem que luta e sofre e se ilumina...

Depois, ainda, é o Rei da criação:
O Anjo, que aos pés de Deus ora e se inclina,
Dominando o Universo... – e' a perfeição!

A GRANDE TRANSIÇÃO

“Não ficará pedra sobre pedra que não
seja derribada...!”

Mateus, 24:2

“E vi um novo Céu e uma nova Terra...”

Apocalipse, 21:1

O Reino de Satã nos antros de peçonha
Rugia, embriagadora, orquestração medonha!

Sinistra, estertorante, impudica e bravia,

A dança animalesca e fóbica estrugia!

Feraz, alucinante e histérica voragem
Bramia, a borbulhar, no ritmo selvagem!

O império do Terror, na orgia borrascosa,
Celebrava o tombar da terra lacrimosa!

O Bem fora vencido! O Mal, febricitado,
Premia sob os pés o mundo torturado!

A guerra, espadanando lágrimas e sangue,
Ceifava, engeuecida, a Humanidade exangue!

Vencera Belzebu! Triunfara o crime torvo!
Plainava sobre o orbe o Demo – horrendo corvo!

.....

Sobre a crosta do planeta
Rasgava-se a tempestade...
Os vulcões da Imensidade
Zurziam rios de dor!
A Terra rangia aflita...
Urrava, em transe, o oceano!
Meu Deus! Que cenário insano
De tragédia e de pavor!...

As mães rogavam que a morte
Libertasse-lhes os filhos...
Rubros, terríficos brilhos
Punham nas trevas clarões!
Gritos, ais, prantos e sombras!

Tormentas de fúria ingrata!
O' meu senhor! Quem retrata
O orgasmo das convulsões?

Quais fantasmas dementados,
Em grei de infaustos tiranos,
Vastos rebanhos humanos
Gemiam nos vendavais!
Força de imensa potência
Batia os troços vencidos
Para céus desconhecidos
De céspedes infernais!

Há rebentos de ternura
Em peitos celerados!
Mil adeuses repassados
De pena e de compunção!
Tardias flores de afeto
Carregadas na enxurrada...
Triste noite desgraçada
De angústia e de maldição!...

Turmas de heróico socorro
Varrem cômoros de escombros,
Levando nos fortes ombros
Corações em febre e ardor...
São os Áulicos Divinos,
A sustentar, compassivos,
Os pobres mártires vivos
Dos grandes dramas do Amor!

.....

Vasto silêncio! Na noite
Há prenúncios de alvorada...
Leve brisa perfumada
Fala de nova manhã...
E surge a aurora celeste,
Na luz do encanto sublime!
E' a terra que se redime,
Formosa excelsa, louçã!

Vejo depois, do Infinito,
Caravanas gloriosas,
A descerem pressurosas,
Para o Val reflorescer...
Há sorrisos e belezas
Delicadas harmonias,
Nas benditas alegrias
Dum divino renascer!

Eu vi tudo isso num sonho
De tintas claras e fortes,
Como as da história que lê...
E quando reabri meus olhos,
No retorno a esta existência,
Inda escutei a consciência
Que me dizia: - “não crês?”...

APELO

Amigos: se o Mal soubesse
Do Bem os santos fulgores,
Se na glória dos Amores

Pudesse o crime solver-se,
Não haveria no mundo
Corações ensombrecidos,
Cheios de pena e gemidos,
A chorar e a malquerer-se!

Pudesse o fel da revolta
Mudar-se em favo d'esp'rança,
A noite do ódio – em bonança,
De entendimento e perdão,
Não mais verieis, por certo,
No val das ânsias doridas,
Dilaceradas feridas
Torturando um coração!

Mas, que impede, meus amigos,
Que o mal em bem se transmude,
Que o vício ceda à virtude
E a sombra se renda à luz?
Pois não sentis que vem perto
O da em que toda a treva
Verá o sol que se eleva
Do coração de Jesus?

Apressai as alvoradas
Desse raiar sublimado!
Seja vosso o augusto brado
Do início dum áureo fim!
Seja a vossa galhardia,
Vossa fé profunda e ardente,
A clarinada eloqüente
Do eterno e santo festim!...

MOCIDADE CRISTÃ

Mocidade cristã, ergue-te e luta!
Desfaze a treva que constringe o mundo!
Ataca o mal famélico e profundo,
Acendendo na Terra a Nova Luz!
Firma as bases de paz dos Novos Tempos
Aos clarões do Evangelho Soberano,
E arranca a dor do coração humano,
Sob as bênçãos celestes de Jesus!

Ergue da Fé o gládio sacrossanto,
Nos campos de batalha da maldade!
Socorre a flor virente da Bondade,
Fundando o Direito sobre o Amor!
Advoga o Primado da Justiça
Sobre a força tirânica e nefasta...
Refreia a ignorância que devasta,
Nas vitórias do Bem renovador!

Ataca, decidida, a hipocondria
Que se instala nas mentes torturadas,
Dealbando esplendores de alvoradas
Pelas noites do medo secular!
Reanima, sustenta, tonifica,
Semeando os favores da Esperança,
Para que as auroras da Bonança
Se derramem dos céus, de par em par!

Sopra a chama do nobre idealismo,
Que sublima, agiganta, age acrisola...
Preserva o Templo, sustentando a Escola,
Serve ao progresso, respeitando a Deus!

Ilumina os caminhos da Cultura,
Santifica os florões da Arte divina,
Aprende, ajuda, exemplifica, ensina,
Palinura de excelsos apogeus!

Mocidade cristã, não te detenhas
Na jornada de glórias que encetastes!
Que os tesouros de luz que conquistastes
Sejam fontes de paz sempre a jorrar!
Não descanses na marcha alcandorada
Que te leva aos portais da Nova Idade,
Mas arrasta contigo a Humanidade,
Para os cimos da vida salutar!

Se os negros da Treva ainda resistem,
Permanece na luta, a bem do mundo!
Enfrenta o mal famélico e profundo,
Acendendo na Terra a Nova Luz!
Firma as bases de paz dos Novos Tempos
Aos clarões do Evangelho Soberano
E alça o transido coração humano
Para os braços abertos de Jesus!

SE VIRES TU ALGUÉM...

Se vires tu alguém, cambaleante e em prantos,
Aos látegos ferais de atrozes desencantos,

Fugindo, atormentado, à própria sombra triste,
E à dor que não se amaina e insânia persiste...

Se o vires, com o olhar descrente e doloroso,
Contemplando, em ver, o mundo impiedoso...

Oh, diz-me: que farás? Caminharás à frente,
Deixando esse infeliz ao tédio absorvente?

Terás o coração tão pétreo, tão disforme,
Que nem te abalará essa desgraça enorme?

Ah, não! Deter-te-ás, por certo, em tua estrada;
Farás um estacato amigo na jornada.

Talvez não falarás. Mas um sorriso calmo,
Partindo de teus lábios, generoso e almo,

Do mísero fantasma à noite ensombrecida
Um raio levará de esp'ranças e de vida!...

ESTRANHEZAS

Por mais estranho que pareça à gente,
Morre quem vive e quem falece nasce;
O tempo é simples ilusão fugace,
O humilde é sábio; o sabichão, demente!

O Sol é um ponto, apenas, do esplendente
Concerto sideral à imensa face...
Pequeno é o grande, e o vencedor rapace
Não passa dum penado delinqüente!

Mais do que o riso, a dor é uma ventura;
E tanto mais se felicita e avança,
Quanto mais forte o ser e se amargura!

Quão mais descer em si, maior altura

Noss'alma, em proporção direta, alcança,
E quão mais se apagar, tão mais fulgura!

NOUTRO MUNDO

Rompe-se o denso véu das consistências
E surge, mundo a dentro, um novo mundo,
Mais estranho, mais rico e mais profundo,
Para além das falazes aparências...

Desenrola-se então o drama fendo
Dos mistérios sutis das consciências...
E, num grande eclodir de efervescências,
Grune a voz dum tumulto furibundo!

Corações que eu amei! Porque velastes,
Na tristonha e carnal alegoria,
As figuras que outrora apresentastes?

Nos arquivos perenes que trazemos,
Cada tela da vida surge um dia,
E ao revê-la a viver, nós revivemos!

O VERBO

(João I: 1 a 5.)

No Princípio era o Verbo que encarnava
A Vontade de Deus Onipotente.
Era o Verbo Amoroso e Resplendente
Que as procelas do Cosmo dominava!

E o Doce Verbo, que com Deus morava,

Era a luz que alumina a humana gente...
E era-lhe a destra augusta e arquipotente
Que a Terra em lavas ígneas conformava!

No entanto, o Verbo do Primeiro Dia,
Luz do Princípio, poderoso e enorme,
Desceu do Céu à Terra hirta e sombria...

Trouxe Novas de Paz e de Alegria!
Trouxe Esp'rança e Amor... E o homem dorme
No sono do pecado e da agonia!...

A MORTE

Não te amedronte, filha minha, a morte,
Que ela é qual simples troca de vestido:
Damos de mão a um corpo já puído,
Por outro mais esplêndido e mais forte.

E mais: ela nos abre nova sorte,
Melhor que a deste mundo consumido;
E nela, o coração juvenescido
Pulsa no rumo de mais alto norte.

A morte, filha minha, é a liberdade!
E' o vôo augusto para a luz divina,
Sob as bênçãos de paz da Eternidade!

E' bem começo de uma nova idade:
Ante-manhã formosa e peregrina
Da nossa vera e grã felicidade.

A LENDA DAS ESTRELAS

Sob o dólido olhar paterno do Supremo,
O Cristo concluiu da terra a arquitetura,
E na Escola do Mundo pôs, em miniatura,
Os encantos do Céu, com seu amor extremo.

Fulgores de áureo Sol, depois de invernos frios,
Alvoradas de alvor, após noites escuras...
Crepúsculos de calma, plenos de doçuras,
Verbenas a sorrir, engrinaldando estios...

Colinas a dormir dos vales no regaço,
Riachos a cantar sonatas murmuradas...
Espumas cor de neve em ondas caprichosas,
E lírios a dançar das brisas ao compasso...

De belezas gracios, esplêndidas, suaves,
Povoou o Senhor a Grande Casa Humana,
Onde o Homem devia, em luta enorme e insana,
Atingir do Infinito as majestosas naves!

Mas, os povos do Globo, ingratos e maldosos,
Na Divina mansão fundaram, tresloucados,
Os impérios sombrios, duros e malvados,
Dos pecados cruéis, dos crimes tenebrosos!

A perfídia medrou no solo onde a bonança,
Em promessas de amor, se abria generosa...
E, de Éden de Paz, em vala torturosa,
A Terra se transfez, em tétrica mutança!

Foi então que, na dor de angústias lacerantes,
Soluçou, no silêncio, o peito de Jesus...

E dos olhos do Mestre, em rios borbulhantes,
Saltaram no Infinito lágrimas de luz!

Foi assim que surgiram, pálidas e tristes,
A brilhar pelo céu, serenas e trementes,
As estrelas sem fim, que pelas noites vistas,
Quais lágrimas silentes!

VELADO ARCANO

Nos velados arcanos misteriosos
Que guardam do pretérito a lembrança,
Eu penetrei curioso qual criança
Num palácio de brincos preciosos.

Quem fui outrora? Do destino a trança
Quem pode desvendar? Nós caprichosos
Retinham, retorcidos, vigorosos,
Os sigilos que a História não alcança.

Esforcei-me, suei, perseverante,
Mas tive que sustar minha ansiedade,
Face do grão mistério inquietante...

Mas depois, bem pensando, na verdade,
Que me servira o ver-me delirante
Nos brejos da perfídia e da maldade?

A ILUSÃO DO TEMPO

Tu dizes, meu caro amigo,

Em descuidada expressão:
- “Inda é cedo, muito cedo.
P’ra cuidar da redenção...”

E nesse engano profundo,
Na quadra da juventude,
Reservas todo o trabalho
P’ra o tempo da senectude.

Mas quando a triste velhice
À tua porta bater,
Tu quererás teu trabalho
Inutilmente fazer.

Por haver desperdiçado
Tanto tempo e ocasião,
Chorarás o não ter tempo,
E força, e disposição...

E como apenas sementes
De vícios e ociosidade
Plantaste na tua vinha,
Só terás enfermidade.

Ó, semeia enquanto podes!
Não gaste o tempo em vão...
Nunca é cedo, meu amigo,
P’ra cuidar da redenção!

A BÊNÇÃO DAS LÁGRIMAS

- “Chorar! Poder chorar! Sentir a alma em fervores,
Fremendo, a extravasar o cálice das dores,

Nos auges da emoção!

O ser a desdobrar-se em pérolas ardentes,
Em líquidos florões, minúsculos e quentes,
De alívio e de perdão!

Chorar! Poder Chorar! Banhar o saara imenso
Do próprio coração – por vez deserto extenso
Onde não medra flor!
Vibrar na sinfonia excelsa e dolorida
Que sobe do alaúde esplêndido da vida,
Aos ritmos da dor!

Chorar! Poder Chorar! Poder (doce alquimia!)
Solver em claro orvalho as bagas da agonia,
A treva em fulva luz!
Dos pélagos do ser fazer jorrar, formosos,
Mil *geysers* fecundos, vivos, milagrosos,
Em borbotões a flux!...

Chorar! Poder chorar, qual chora a natureza
Nas tardes hibernais de sombra e de tristeza,
De anseio e de pesar!
Juntar à voz plangente e mágica dos ventos
O tom do seu suspiro, o ai dos seus lamentos,
A voz do seu penar!...

Chorar! Poder chorar é ser aventurado!
E' poder orvalhar o peito excruciado,
Banhando o coração!
E' poder expungir do espírito abatido
Os punhais de armargor que o trazem consumido
De interna compunção!...

“ No entanto, apesar das dores

Do peito dilacerado,
Dos agrores do meu fado,
Dos cardos da senda ultriz,
Nem uma gota de pranto
Sinto emanar dos meus olhos...
Sou como os pétreos abrolhos,
Ou qual rochedo infeliz!...

“Na tortura silenciosa
De recônditas batalhas,
Tenho cosido mortaldas
Para milhões de ideais...
E a cada golpe da sorte,
Que me apunhala uma esp'rança,
Nem uma lágrima dança,
Na angústia dos funerais!

“Amo o sol dos dias claros,
Quando a pino resplandece...
Amo a tarde que fenece,
A noite, a chuva, o calor...
As estrelinhas medrosas
Que piscam no azul distante
Das madrugadas de alvor....

“Tudo, meu Deus, me comove!
Tudo me encanta e extasia!
Contudo, dor e alegria
Não enchem todo o meu ser...
Sinto que um vácuo profundo
Dentro d'alma jaz rasgado!
Há um rio ressecado

Nos campos do meu viver!...”

Assim falava um mancebo,
Na solidão duma noite.
Das ventanias o açoite
Não passeava pelo ar.
Tudo era calma e silêncio,
Na paz fria e sombria...
Nem um murmúrio se ouvia,
Leve, embora, perpassar.

Fitando o vasto Universo,
Solitário meditava
Nas eras em que choravas,
Sem aparente razão...
- “Porquê? Porquê?...” – E su’ alma,
Num solilóquio profundo,
Se internava noutro mundo,
De imensa interrogação...

Caíra o véu do sono, dólido e pesado,
Sobre o moço infeliz, tristonho e fatigado;

E nas asas azuis dum sonho vaporoso
Achou-se num país estranho e misterioso...

Foi um sonho de glórias peregrinas,
De mágico fulgor...
Pleno de notas claras e divinas,

De célico esplendor...

Era o solo de névoas esmeraldas,
De rútila expressão...
Reflorado de pétalas de brumas,
Que flanavam, quais levem róseas plumas,
À meiga viração...

O horizonte era vívido poema,
Duleíssimo e sutil...
E o zimbório, de céculos acentos,
Era um manto de etéreos filamentos,
Bordado d'astros mil...

De súbito, qual lua humanizada,
Ou fada sublimal,
Surge do Espaço um Anjo de Ternura,
Ou deusa sideral!

- “Visão divina! O’ bela Ninfa Augusta,
Dos olhos de arrebol!
Sê de minh’alma a primavera eterna,
Da minha noite – o sol!

Ela afagou-lhe as ondas dos cabelos,
E disse-lhe por fim:
- “Minha saudade é tanta e tão profunda,
Quanto essa dor que o coração te inunda
Quando suspiras, meu amor, por mim!

“Amo-te muito! No rolar dos astros,
Julgo rever teus cristalinos rastros,
Nas sinfonias – oiço a tua voz!

Se o mar suspira – eu penso que tu gemes...
Se o vento sopra – inquiri se tu tremes
Sob tormento atroz!

“Minh’ alma vive a suplicar ao Cristo
Que te proteja e traga aos braços meus!
Porque tu vives, meu querido, existo!
E meus anseios são irmãos dos teus!

“Sigo-te os passos pelo mundo em fora...
Sofro-te as penas, rio-me se ris!
És minha esp’rança, minha santa aurora,
E sou ditosa quando estás feliz!

“trabalha ainda na oficina rude
Da terra triste, onde também sofri!
Conquista as palmas da ideal virtude,
Que sempre e sempre hei-se esperar por ti!”

Um baque ligeiro
Silêncio, vertigem...
E o moço desperta
Na branda manhã.
Há fortes singultos
No peito estuante...
Palpite, cantante,
Natureza louçã!
Seus olhos flamejam de orvalho celeste,
No pranto fecundo que irrompe, sem véus!
Su’ alma de novo se empolga e reveste
Da luz da saudade que emana dos céus!...

QUANDO ENFIM...

Quando a Dor lacerante e generosa
Concluir sua faina remissora,
Coroando-te a frente sofredora
Com florões de bondade e de saber...
Quando heróico e sublime te reergueres
Desse vale de angústia em que demoras
Dum excelso e divino renascer...

Quando as noites tristonhas e aflitivas
Se mudarem na paz de claros dias,
E teu largo rosário de agonias
Colorir-se de júbilos sem par...
Quando as ânsias doridas e calcadas
Transfizerem-se em pomos de bonança,
E ao fim da alameda da Esperança
A Ventura nos braços te estreitar...

Quando a tez deslumbrada e fulgurante
Refletir o fulgor do teu sorriso,
E vibrares no doce paraíso
Conquistados nas liças do dever...
Tu verás, meu amigo, com clareza,
Que nos dias de sombras da jornada,
Nunca foi a tu'alma abandonada,
Como às vezews supões acontecer!

Vão contigo, no esforço da subida,
Expressões de velhíssimos amores,

Partilhando-te os júbilos e as dores,
No silêncio das grandes afeições!
Percorrendo-te as trilhas hora a hora,
Amparando-te os passos, dia-a-dia,
Renovando-te as fontes de alegria,
Através os espinheiros e aflições!

Generosos amigos invisíveis
São os Anjos de Paz do teu caminho...
Jardineiros de luz e de carinho,
Serviçais da renúncia por amor!
Tutelares sublimes dos teus passos,
Guardiães da esperança e da amizade
Através da terrena tempestade,
Rumo à pátria do célico esplendor!

De alma então comovida e assaz surpresa,
Lançarás tuas vistas ao passado,
E verás, compungido e deslumbrado,
Quantas flores pisastes em teu seguir!
E aflito, e tristonho, e jubiloso,
No arroubo imortal de excelsos cantos,
Caíras de joelhos, todo em prantos,
Ante as bênçãos augustas do porvir!...

EXORTAÇÃO À JUVENTUDE

Juventude da Terra do Cruzeiro:
Se a perfídia do crime troa e clama,
Seja o teusheroísmo a augusta flama
Da feliz redenção do mundo inteiro!

Ergue a fronte viril – Jesus te chama!

Se do mal inda é forte o cativeiro
Leva à sombra infeliz o grão luzeiro
Que dos Céus sempiternos se derrama!

As colunas do nal se desmantelam...
E ao tempo em que a noite mais negreja,
Os fulgores do Bem mais se revelam!

Luta, pois! E que ao toque dos teus cantos,
Fulja o sol da Verdade benfazeja
Sobre a Terra das dores e dos prantos!

CONVITE

Em cada triste figura
Dum pobre, dum sofredor,
Duma alma que geme aflita
Sob os escombros da dor,

Em cada vulto pequeno
Dum órfãozinho sem lar,
Em cada peito oprimido
Que palpita, a soluçar,

Está de Deus o convite
Para que sejas, na Terra,
Estrela – na noite imensa
Que ensombra, profliga e aterra!

Está de Deus o convite
Para que, como Jesus,
Sejas amparo sagrado
Dos afilhados da Cruz!

Dá, pois, tu' alma de crente,
Teu bom coração cristão,
A todos que ao léu padecem,
No estertorar da aflição!

Serás farol – na tormenta,
Abrigo – na tempestade,
Luzeiro – na treva aceso,
Ameno Sol de bondade!

Vê que belo é teu destino:
- Ser dispenseiro do bem!
Aceita, pois, o convite,
E espera as bênçãos do Além!

ROMANCE DE UMA VIDA

Foi ontem que o vi. As lágrimas celestes
Já brilhavam na face augusta do Infinito...
E afagando, a sorrir, as folhas de palmito,
Os zérfos cantavam na harpa dos ciprestes...

Um banco de jardim. A nívea claridade
Da pálida vestal que as noites ilumina,
Tal como águia real que a sonho bom se inclina,
Afronte lhe pendeu nos braços da saudade.

Olhei-o. Um halo havia em torno à tez altiva,
Uma aura singular;
Não sei se languor, nem sei se de tristeza,
Mas feita de uma estranha e mística beleza,
Do encanto e de penar

Marujo de escarcéus, nos mares da existência,
Vencera procelosas vagas de amargura...
Vencera! Mas da lide ingrata, insana e dura,
Trouxera desenganos mil por florescência...

Nos lábios – um sorriso leve, doce e triste,
Dizia dum mistério romanesco e vivo...
E eu perguntei-lhe, então, por que fundo motivo
Na dor mais crucial uma alegria existe...

Foi quando no silêncio perfumado
A sua voz vibrou;
E sua história, dolorosa e bela,
O moço desfiou...

*

- “Eu nasci num vilarejo
D gente simples e pura;
Cresci na doce candura
Dos descampados, ao sol...
Das rezes sabia as falas,
Não tinha penas nem medos,
De mágoas não tinha rol...

“Mas um dia vi dois olhos
Luzidios, fulgurantes...
Eram dois astros brilhantes,
De irrequieta expressão...
Olhos negros que falavam
De mistérios peregrinos...
Dois demônios pequeninos
De graça e d sedução!...

“Meus sonhos de criança
Perderam seus tons de outrora...
Eu era apenas, agora,
Uma alma que pede amor...

Mas as pupilas formosas,
No seu fulgir inconstante,
Nem por um rápido instante
Pousaram na minha dor!...

“Fui, depois, em fundos prantos,
Para um exílio penoso.
Era o fado misterioso
Que me impelia? – Talvez...
Mas, no noturno das ânsias
Que o coração flagelavam,
Somente espectros dançavam,
Numa ironia soez!...

“Contudo, quando as tormentas,
No seu clímax impiedoso,
Já o um ser desditoso
Cravavam seus mil punhais,
Um novo arrebol de luzes
Surgiu-me da noite ingrata,
Qual dulçurosa cascata
De eflúvios celestiais!

“Uns olhos verdes e claros
Contemplavam-me, suaves,
Com modos doces e graves,
Numa tez de santo alvor...

Falou-me voz maviosa,
Duma angélica meiguice...
Tão doce, qual se partisse
De Algum Nirvana de Amor!

“Os outros olhos que eu vira
Eram negros e vivazes...
Eram belos, mas falazes,
Encantadores, mas vis...
Estes, porém, eram doces,
De terna melancolia,
Plenos da excelsa harmonia
Dos sentimentos sutis!...

“De coração renovado
Remoeci-me para a vida...
Minh'alma, já ressurgida,
De novo refloresceu...
Mas, insensato fascínio!
Em minha noite estrelada,
Uma visão já passada
Outra vez resplandeceu!...

“Aqueles olhos brejeiros,
Aqueles astros mornos,
Os dois demônios pequenos
Do meu antigo viver,
Vararam-me o peito incauto,
No incêndio voraz e ardente
Duma paixão fervescente,
Que vi, louca, rearder!

“Quando acordei do delírio,
Os olhos negros choravam...
Cansados, não mais brilhavam
Na primitiva expressão...

Fora tudo fantasia
De dolorosos enganos...
Restava o correr dos anos
Na dor da desilusão!

“No entanto, existem dois olhos
Que ao longe eu contemplo, triste...
Neles vejo que existe
Uma mensagem de luz...
A sua cor de esmeralda
Fala de doce esperança
Num futuro de bonança,
No reinado de Jesus...”

Quando ele terminou, as lágrimas celestes
Já quase não brilhavam mais pelo infinito...
E, beijando as montanhas altas de granito,
O Sol já sacudia as fulgurosas vestes...

RENOVAÇÃO

Filho meu, se do erro te alevantas
Empolgado por nobres sentimentos,
E tomado por altos pensamentos
Reajustas antigas decisões,

Não te vexes de amargura conjeturas,
Qual se foras na liça abandonado,
Pois o bem reavido e renovado
É sementeira de re florações.

A noite negra se dilui na aurora,
O orvalho amigo retempera a terra,
E o bem redime sempre a alma que erra,
Renovando-lhe as flamas do ideal.
Olvida, pois as sombras já vencidas,
Na alvorada feliz de outras porfias.
Há sempre das sucedendo aos dias,
E bens que nascem quando cessa um mal.

Levanta o próprio coração e segue!
A vida é mesmo ingente aprendizado,
Onde o aluno, por vez desavisado,
Tem sempre ensanchas de recomeçar...
Não te abata, portanto, algum fracasso,
Colhido por vigílias descuidosas.
O espinho quase sempre indica rosas,
E o erro ajuda, às vezes, acertar.

O preciso é seguir, de alma sincera,
No trabalho do bem que nos convoca
A mentira campeia, o mal sufoca,
E é mister acender alguma luz.
Fracos ou fortes, tristes ou felizes,
De saúde precária ou bem dispostos,
Precisamos guardar os nossos postos,
Leias soldados do Senhor Jesus!

SEGUE, IRMÃO!

Vive o Bem, ama a Luz, segue o Direito,
Ajuda e serve, marcha firme avante,
Pois somente é na vida triunfante
Quem não guarda rancores no seu peito!

Teu dever cumpre sempre sem defeito,
E se a dor visitar-te, lacerante,
Pensa as chagas e avança, confiante,
Apesar do sendal tortuoso e estreito...

Não te abata a pedrada do sarcasmo,
Nem consiga o sorriso da ironia
Desfazer-te o calor do entusiasmo!

Segue, irmão, sem mais dúvida ou temores,
Que é da noite de pena e da agonia
Que há-de abrir-se uma aurora de esplendores!....

LÁGRIMAS E RISOS

Foi um país de seres luminosos
- Aves humanas que plainavam no ar –
Que vislumbre os quadros majestosos
Que vos vou contar:

Era uma noite formosa,
Como as noites da amplidão...
Havia calma e doçura
Nos diamantes da altura,
E havia aromas no chão...

Mas a feliz alegria
Das outras noites festivas,
Naquela noite não vi.
Uma serena tristeza,
Embalando a Natureza,
Naquelas horas senti.

Por que motivo profundo
Naquele plano de graças
Plainavam tons de langor?
Era, talvez, de saudade
A doce melancolia?
Ou era o céu que sofria,
Dos homens medindo a dor?

Súbito, viram, meus olhos,
Numa cena inesperada,
Luzidia expedição:
Centenas de lindos seres,
De luminosas figuras,
A descerem, das alturas,
No rumo do térreo chão!

Acompanhei, curioso,
A romaria celeste,
Até a crosta do val.
Ouvi as preces formosas
Que os arcanjos entoaram...
Vi que lágrimas brilharam,
De comoção sublimar...

Abraços de claro afeto,
Meigos votos generosos,

E ternas consolações...
Esperanças e saudades,
Doridas felicidades,
Singultos de corações...

Mas, na Terra, era outro o quadro:
Flores, festejo, alegria,
Parabéns, bonança e luz...
Nascera linda criança!
Havia gáudio, folgança,
Havia risos a flux!...

Fitei a noite. Era bela,
Como são todas as noites
Nas plagas celestiais...
A mesma calma doçura
Nos diamantes da altura...
Os mesmos tons siderais!

ORAÇÃO

A Diamantino Sá

Pai querido: as nossas almas,
Que recebeste por filhas,
Conduzindo-as pelas trilhas
Da paz e da redenção,
Hoje, unidas, agradecem,
Com ternura e com saudade,

A sempiterna bondade
Do teu nobre coração.

Teu exemplo luminoso
Não restará infecundo:
Os desenganos do mundo
Já não nos colhem sem luz;
Tuas lições amorosas
Deram-nos crenças e certeza
Na divina Realeza
Do Eterno Mestre da Cruz!

Venceste galhardamente
A liça heróica e bravia
Tua vida foi um dia
De sol, trabalho e valor...
É justo, pois, que recebas,
Na dose Pátria da Vida,
A gratidão comovida
Dos filhos do teu amor!

Esta Casa abençoada,
De luzes e reconforto,
Será sempre augusto porto
De confiança e carinho!
Um refúgio doce e ameno,
Sempre aberto ao sol da crença...
Uma luz – na noite imensa
Dos sem-teto e dos sem-ninho!

Descansa, paizinho amado,
Que a tua jornada é ganha!
O sol da glória te banha

A fronte augusta e viril!
A mocidade que amaste,
Erguida e já pronta á luta,
Viverá nobre e impoluta,
Neste querido Brasil!

ALMA PENADA

Caiu a noite. Nas sombras
Soluçam gênios plangentes...
Quem carpe dores pungentes
No silêncio da amplidão?
Ninguém responde, mas sobe,
Uma voz angustiada,
De dolorosa expressão:

-“ Ouve, amigo, o eco tristonho
Dos ais que a morte não cala!
Nos prantos de quem te fala
Vai um aviso, um clamor...
Sou duende desgraçado
Das falsas glórias do mundo...
Sou visão dum mal profundo,
Que emerge dum mar de dor!...

Vivi na plaga em que vives,
No desdoiro e no pecado.
Fui um titão desvairado
Do gozo e da felonía...

Ludibriei mil ouvidos,
Enganei piedosos olhos,
Enchi a Terra de escolhos,

E a vida, de fancaria!

Na vertigem da loucura
Cultivei muitos enganos
Durante dezenas de anos
Divorciei-me do Bem;
Elevei-me, pressuroso,
Nas galerias da fama,
Não fui sincero a ninguém!...

Um dia, a clava da morte
Cortou-me a vil existência,
E da negra consciência
Via face aterradora...
Sombras, mágoas aflitivas,
Perseguições tenebrosas!
E as tormentas dolorosas
Da sombra consumidora!...

Deixei na memória humana
Tradições de honra mentida...
Mas nos portais da outra vida
Sou criminoso infeliz!
Sofro e choro a mágoa insana
Dum viver de celerado.
Tem, pois, amigo, cuidado,
Por não fazer o que eu fiz!...

Se o erro pode, na Terra,
Passar impune e oprimente,
Além da morte, é patente
Todo segredo do ser!
Ninguém ilude a justiça

Dos tribunais Soberanos,
Que ale dos palcos humanos
Tudo podem perceber!...”

Calou-se o gênio. Nas sombras
O silêncio soluçava...
A noite mais se embuçava
Nas silentes vastidões...
Em pesada nostalgia
Tudo pairava quedado...
Era o pavor do pecado,
No pranto das compunções!...

AGE, IRMÃO!

Meu amigo, tu que dizes
Viver vergado ao trabalho,
Que amaldiçoas o malho
Da terrena construção,
Já pensaste, por acaso,
Na atividade Divina
Que vivifica e ilumina
Dos mundos a aluvião?

Já meditaste, com calma,
No turbilhão de afazeres
Desses milhares de Seres
Que regem orbes no Além?
No movimento constante
Dos Anjos da Imensidade?
Na eterna operosidade

Da Fonte Eterna do Bem?

Olha as árvores dos boques!
Os insetos, as formigas...
É bem possível que sigas
Sem prestar-lhes atenção...
Mas, sabes que cada planta,
Cada bichinho franzino,
Tem descansado o destino
De Jesus no coração?

Donde vem a cota amiga
Do teu pão de cada dia?
Não advém da energia
De alguém que por ti suou?
E a própria roupa que vestes?
O sapato defensivo?
Teus próprio corpo, tão vivo,
Não foi outrem quem plasmou?

Meu amigo, nunca digas
Ter excessivo trabalho...
Não descubras espantinho
Na bênção de produzir!
Age! Opera! Ajuda! Serve!
Não sejas ornato inútil,
Se quiseres produzir!

Não é lugar a oficina
Para passeio ou repouso...
E a Terra não é gozo
Uma plácida mansão!
Vê que não sejas, amigo,

Invigilante operário,
Que burla o esforço do horário
Abdicando do pão!

A DOR

Na abençoada oficina
Das orbes da Imensidade,
Sob a eterna claridade
Do Amor imenso de Deus, A dor esculpe, operosa,
Na experiência e nas lutas,
As virtudes impolutas
Dos afilhados dos Céus!

Racha as pedras do egoísmo!
Quebra as facetas do orgulho!
Das gangas de horrendo entulho
Retira os ouros do Bem...
Lima, lixa, pule, alveja,
Aperfeiçoa, refina...
Lustra, embeleza, ilumina,
Para os fulgores do Aém!

Seus golpes ferem, sacodem
As rochas da iniquidade...
Mas os cristais da Bondade
Se espelham de luz e Sol!

Faz jorrar prantos amargos,
Desmorona fantasias...
Porém traz as alegrias
De eterno e santo arrebol!

Foge o filho pervertido
Do albergue do Amor Divino?
Transforma em triste destino
O arbítrio livre e sagrado?
Vai a dor, serena e amiga,
Fala-lhe a sós, com carinho,
E o filho torna ao caminho
Do Solar abandonado!

Como criança inexperta
Algum coração fraqueja?
Nas chamas do erro deseja
Incendiar-se, rearder?
A dor o envolve nos mantos
Da experiência preciosa,
E logo ess' alma, ditosa,
Busca altanar-se, ascender...

Que mal há que a Dor não vença,
Ou sombra que não desfaça?
Modeladora da Graça,
Quem lhe pode resistir?
Em suas mãos generosas
Repousa a nossa esperança,m
Ante a visão de bonança
Dos milênios do povir!

A UM CORAÇÃO

Querida irmã: nossa vida
Pode ser de dor sulcada.
Pode ensombrar-se na estrada
Nosso humano coração...

Mas se tivermos guardada
A doce luz da esperança,
Veremos vir a bonança,
Na aurora da Redenção!

Se sofres, levanta os olhos
Rumo aos clarões do futuro...
Surge o lírio no monturo,
A noite se estrela em luz!
O mal – em bem se transforma,
Os prantos – em doces risos,
O inferno – em mil paraísos
De glórias e paz a flux!

Crê e segue! Não te abatas,
Inda que a pena te fira!
Não há peito que suspira
Que não volva a se alegrar.
E todo fel, toda agrura,
Todo tormento inquietante,
Será semente triunfante
Dum sublime despertar!

A mais terrível procela
Transfaz-se em calma divina...
Das mágoas – a mais ferina,
Dissolve-se em paz e amor...
A noite mais fria e longa
Termina numa alvorada...
A terra mais torturada
Produz as graças da flor!

A poda gera beleza,

O cinzel modela encantos...
A angústia dos desencantos
Sublima o nosso sentir!
Se teu ontem fez teu hoje
De sombras tristes e feras,
Forja agora as primaveras
Dum glorioso porvir!

Descerra os lábios crispados
Num sorriso doce e ameno...
Fita o céu, de olhar sereno,
Enxuga os prantos, irmã!
Olha: as trevas já se toucam
D'alguns leves tons de alvares...
Mas um pouco... e entre fulgores
Há-de esplender a manhã!...

À CELINHA

Minha irmã: ergue teus olhos
Para a luz do firmamento...
Levanta teu pensamento
Para as paisagens da Luz,
E verás, de ânimo forte,
Que o céu te abençoa a vida,
Embora a pena insofrida
Que emana da tua cruz!

Minha mana muito amada,
Não te entregues à tristeza!
Vê! Também a natureza
Tem dias de luto e dor...
Mas a doce primavera

Sempre surge após o inverno...
É o reflorir sempre eterno
Das renascenças do amor!

Há quadras tristes de outono
Nas sendas por que seguimos...
Por vezes até sentimos
Que não nos vale existir!

Mas novo dia desponta,
Dissipando o nevoeiro...
E o coração pulsa inteiro,
Na antevisão do porvir!

Tua jornada fulgente
Ainda jaz no começo...
O teu HOJE é o alto preço
Do teu risonho AMANHÃ!
Reergue a luz da esperança
E aclara os trilhos da estrada!
Quero ver-te, irmã amada,
Vitoriosa, louçã!

Tu'alma é celeste escrínio
De jóias maravilhosas...
Faze-as brilhar, dadivosas,
No engaste do eterno bem!
E um dia verás, querida,
Que paraíso esplendente
Te acolherá docemente
Nas harmonias do Além!

MOCIDADE

Diz o lirismo dos vates
Que “mocidade” é poesia...
E eu acrescento: - alegria,
Força, potência, vigor...
Capacidade sublime
De erguer um mundo diverso,
Onde a vida seja um verso
De paz, de luz e de amor!

A mocidade na carne,
Quando cheia de verdade,
É farol – na tempestade,
Estrela – na noite ultriz!
Flor de esperança e bondade
Erguida no val terreno,
Rumo ao destino supremo
Para um futuro feliz!
A Mocidade do Cristo
É expressão de beleza,
Tocada da realeza
Dos ideais salvadores!
É alavanca sublime
Duma era nova e ditosa,
Que há-de surgir, gloriosa,
Do caos da treva e das dores!

A mocidade, portanto,
Não pode mais esquecer-se
Nesse constante perde-se
Da inconsciência servil...
Que, pois, se levante e sirva,

Na fé que soergue a vida,
A mocidade querida
Do coração do Brasil!

O ESPECTRO

Ontem descí, levado em torvelinhos,
Aos pélagos do mal...
Nos tenebrosos vales da desgraça,
Em ruído infernal
Jazia a turba-multa de infelizes,
Em lágrimas ultrizes...

Cachoeiras de dor, sarcasmo e horrores,
Vomitavam pavores...
Era um mar de soluços e gemidos,
Blasfêmias e rugidos!

Demônios? Quem vibrava gargalhadas,
Rouquenhãs e malvadas?
Espectros? Gênios maus? Vilões da lenda
Em convulsão tremenda?

Só sei que vi, em lágrimas perdida,
Uma visão querida...
Foi um sonho de luz, formoso e intenso,
Laçado agora num monturo imenso
De lama apodrecida!

Era ela que eu via em meus olhares
De moço adolescente,
Toda ornada de ricos atavios,
Fascinadora e ardente!

Era ela, eu bem via! Mas, ainda
 Temendo uma ilusão,
Perguntei-lhe, piedoso, pelo nome,
E ela, na dor que o coração consome,
 Disse gemendo: - “ o mundo me conhece...
Eu sou a voz da carne que apetece...
 Sua a Luxúria, irmão!... “

SEGUE AINDA...

Eu ouvi, meu amigo, os teus suspiros,
Recolhi teus soluços e teus prantos,
E, juntando um a um teus desencantos,
Arquivei-os nos imos do meu Ser...
Essas bagas de pranto que hoje choras
Transformadas em flores, nas auroras
Dum sublime e feliz alvorecer!

Eu, que guardo um a um teus passos tristes,
No carreiro das liças remissoras...
Eu, que sigo as tormentas redentoras
Que se esbatem no cais do teu sentir...
Eu, que choro na lágrima que vertes,
Que sorrio na luz do teu sorriso,
Pelas sendas que pisas também piso,
Nas eternas romagens do existir!

Segue, pois! Inda mesmo que não vejas
Os fulgores do termo do caminho!
Em tua marcha tu não vais sozinho,
Ao desamparo de ternura e amor...
Segue contigo corações abados,
De jornadas já idas e vividas...

Tua vida se liga a muitas vidas...
Muitas dores partilham tua dor!

Segue ainda! Não tarda a madrugada!
A manhã já desponta no Oriente...
Embala a tua marcha para a frente,
Domina a mágoa, vence o temporal!
Finda a noite aflitiva e tormentosa,
Brilhará uma aurora indefinível,
Nas alturas de paz imarcescível
Da suprema ventura celestial!

À MINH'ALMA

Alma que vens de longe, soluçando,
Rindo e cantando anseios infinitos...
Sustém teus gritos e modera o canto,
Deixando o pranto triste dos proscritos!

Esquece as velhas aflições sombrias!
As agonias que não têm razão...
Deixa a ilusão que punge e que magoa,
E alegre entoa o canto do perdão!

Olvida as ânsias do egoísmo estreito!
Abre teu peito à imorredora luz!
Abraça a cruz das terrenais agruras,
Como venturas que te dá Jesus!

Não te rebeles nas tormentas d'alma!
Descansa em calma o coração, em paz...
Que o céu se faz do amor que renuncia,
E da alegria que a bondade traz!

Não te recolhas no despeito egoísta!
Alma de artista – expande-te e sorri!
E' frenesi constante a Natureza!
Canta a beleza que floresce em ti!

Alma que vens de longe, soluçando,
Segue, guardando o coração em paz!
Que o bem se faz do amor que renuncia,
E da alegria que a bondade traz!

AO MESTRE

Meu Jesus, se o peito exausto,
De angústia e mágoa se oprime,
No emergir do mar do crime
Para as venturas do amor,
Ampara a luz inda incerta,
Por entre a negra procela
Das ventanias do horror!

Ajuda, Senhor querido,
O dealbar da esperança,
Que nos promete a bonança
Da paz augusta e louçã!
Que nossos pobres esforços,
Nossos sonhos, nossos prantos,
Se aureolem dos encantos
De um doce e claro amanhã!

Oh, defende, Mestre Amado,
Os nossos passos incertos,
Meio aos terríveis desertos

Da maldade e das paixões!
Sustenta os raios trementes
Das nossas virtudes pobres,
Para que, fortes e nobres,
Ergamos-te os corações!

Na angústia dos testemunhos,
Sê nossa escora divina,
Pois noss'alma se amofina
Nos transes da prova ultriz!
Sê o alicerce bendito
As nossa crença sagrada!
Sê nosso bordão na estreda
Do reerguimento feliz!

O' Senhor! Tu és, na vida,
O nosso grande aliado!
Sê, pois, bendito e louvado,
Sublime Libertador!
Rocha das almas! Esteio
Dos séculos incessantes!
Rei das Potências Triunfantes!
Anjo de Deus! Luz do Amor!

ANTE O ALÉM

Oh, que saudades infindas
Das plagas doces e lindas
Dos claros orbes do Além!
Das divinas harmonias,
Das celestes alegrias
Da paz, da luz e do bem!

Ó, meu Senhor! quem pudera,
Numa nova primavera,
Rever as praias do Céu,
Que felicita e redime,
Se expande sem dor, sem véu!

Amar de peito liberto,
Sentindo de vivo e perto
A gloriada plena luz!
Cantar e sorrir ditoso,
No coro de excelso gozo
Das ilações de Jesus!

O' minh'alma, não lastimes!
A pena em que te comprimes
E' a senda que lá vai dar!
Ampara, serve e caminha,
Pois a aurora se avizinha
Dos campos o Térreo Lar!

DESTINO

No coração da serra há borbulhos de fontes.
Sorri contente a luz nos claros horizontes
E cantam na alma humana, os harpejos do amor...
O céu flameja ao sol, e as flores delicadas
Perfumam de afeição várzeas orvalhadas,
Na glória universal da vida e do esplendor.

Só tu choras, irmão, em teu carpir dorido!
Porque levas assim o peito compugindo,
Guardando a noite n'alma e o fel no coração?
Eu sei! Algo cruel te agasta e infelicita:
Um travo de amargor, de pena e de desdita

Semeia a tristeza a tua solidão...

A festa da Natura, a festa gloriosa,
E' estranha ao teu sentir... Na marcha dolorosa,
Ascendes solitário ao gólgota infeliz...
Se à volta dos teus pé esplende e canta a vida,
Nos imos do teu ser descerra-se a ferida
Que sangra de absconsa e rota cicatriz!

Por isso, embora fulja a luz por todo o mundo,
Tu cismas, meu irmão, passeando o olhar profundo
Pelas galas do céu que doira o azul do mar...
E as espumas de neve, as espumas brilhantes,
São lágrimas, talvez de gênios pranteantes,
Que vêm, aos prantos teus, seus prantos ajuntar...

Entanto, amigo meu, as noites consteladas
Desdobram pelo além as lúcidas moradas
Que aguardam no futuro a paz do teu sentir...
E o fulvo amanhecer, esplêndido e sublime,
Retrata o coração que a grande dor redime,
No pórtico ideal da glória do porvir!

MISTÉRIOS

Um dia nascemos: nos olhos infantes,
Brilhantes de luz,
Ignoto mistério, velado e profundo,
Fulgura e transluz...

E' a chama da vida que n'alma crepita
Do infante ao nascer...
A chama sagrada que brada, que grita,

Que manda crescer!

*

Um dia partimos: nos olhos parados,
De estranhos fulgor,
Há um resto de chama que vela o mistério
Da vida e da dor...

E' o tênue reflexo da luz já transposta
P'ra as plagas do Além...
O doce reflexo dos fundos arcanos
Que a Morte retém...

FONTE INTERNA

“Nossa vida é um campo aberto.
Nosso coração é uma fonte.”
Bezerra de Menezes.

Nossa vida é um campo aberto,
Por onde passam milhões:
Fortes, fracos, ricos, pobres,
Belos, feios, parias, nobres,
Profetas, doutos, vilões...

Muitos deles vão à pressa,
Vão outros devagarinho...
Uns sorrindo, outros chorando,
Mas vão todos precisando
De incentivo e de carinho...

Vão famintos de amizade,
Sedentos de entendimento,

Cansados da luta rude
Pela posse da virtude
Na luz do conhecimento...

Por isso param, mui vezes,
À tua frente, por ver
Se na fonte de tu'alma
Poderão, de esp'rança e calma,
Felizes, se abastecer....

Pois há no peito uma fonte
Que chama coração,
De águas vis ou cristalinas,
Tristes, letais, ou divinas,
Para cada ser irmão;

Pode ser fonte de orgulho,
De dor, de angústia, de pranto...
De amor, de luz, de bondade,
De paz, de sublimidade,
Ou de fundo desencanto...

Pode ser fonte de bênçãos,
Manancial de alegrias...
E pode, se tu quiseres.
Ser vala de misereres.
Ou cipoal de agonias...

ESCUA!

Escuta, meu irmão: a caminhada humana,
Se cheia de varais, espinhos, dissabores,
E' gentil limiar de luzes e esplendores,

E não lide falaz, que cansa e desengana.

Nem Deus, nem Anjo algum se felicita e ufana
Por ver, seja quem for, no pego dos horrores;
Mas se a dor salutar redime os pecadores,
Então, de o ver subir, o Alto se engalana.

Não o seja o teu falar, portanto, o do irritado
Ante a glória do Céu, que silencia, calmo,
Face, às vezes, da cruz dalgum terrível fado...

A Suprema Bondade é sábia, tanto é justa,
E o bem mais sublimar, o mais augusto e almo,
E' aquele que mais pena e mais tormentos custa.

SOLIDÃO

És triste... Eu bem o sei! Tu'alma arde sedenta,
À falta desse sol de todos os viventes!
Daquilo que fecunda o seio das sementes,
Da seiva de que todo a vida se alimenta!

Sentes sede de amor... Do amor que nutre e alenta,
Que orvalha e que mitiga os areias ardentes...
E, de alma aberta em flor, desesperada sentes
A frígida nudez duma invernada lenta!

Mas, olha, minha irmã quanta tristeza mora
Nessa faces sem luz, onde a desgraça chora
A pena erma e cruel duma aflição feraz!

Quanta gente a morrer sem um afeto amigo,
Quanta gente capaz de achar o amor contigo,

Capaz de achar contigo os júbilos da paz!

VAMOS!

O' moços, se a claridade
Da Nova Aurora fecunda
De claros raios já inunda
O solo de Santa Cruz,
Não esperemos quedados
Que amanheça o Novo Dia...
Busquemos com alegria
O triunfo de Jesus!

Coisa alguma valiosa
Se consegue sem trabalho,
Sem picareta, sem malho,
Sem arado ou sem formão...
Sem esforço vigilante,
Sem vontade produtiva,
Sema força pronta e viva
Do braço e do coração!...

O reino da Luz Divina
Sem custo não se levanta.
Mas aquele que planta
Tem direito a recolher...
Lancemos, pois, à batalha
Nossa energia vibrante,
Para que o Bem triunfante
Possa na terra viver!...

A dor suplica enfermeiros,
Pede a criança instrutores,

A sombra roga os fulgores
Da fé da esp'rança, do amor...
Em toda a parte do mundo
Os mister reclama obreiros.
E há poucos seareiros
Nos campos do Bom Senhor!

A crença que não opera
E' sol que não irradia...
Sòmente o Bem que porfia
E' potência que produz!
Vamos, portanto, almas moças,
À liça divina e santa,
Que já nos céus se levanta
A aurora da Eterna Luz!...

SENHOR:

Daí que vençamos a fraqueza imensa
Da carne veladora e transitória,
E que fulgure, em dadivosa glória,
O marco da esperança, ao sol da crença!

Se a batalha é cruel e a sombra é imensa,
Se dos pecados é vultosa a escória,
Que não se apague, taciturna e inglória,
Do amor a chama, sob a noite extensa!

Amparai-nos os nobres sentimentos,
Coroando de paz e de serviço
Nossos pobres e justos sofrimentos!

E que a flor da esperança e da alegria
Desabroche em perene e excelso viço,

Na alvorada feliz do Eterno Dia!

À FRENTE, MOÇOS!

A Sombra taca – Lutemos!

A Treva avança – Marchemos

Para os passos barrar!

O Mal brameja – Cantemos!

O crime grune – Preguemos

A glória de não pecar!

Ó mocidade, se a guerra

Do Bem contra o Mal, na Terra,

E' gigantesca e sem dó,

Reergamos a Honra insultada,

E a nobre crença esmagada

Da ignomínia no pó!

O Espiritismo é Luzeiro

Que há-de um dia o mundo inteiro

Esclarecer, redimir...

Espalhemos seus fulgores,

Preparando os esplendores

Das alvoradas a vir!

Estudemos a Doutrina,

Bela, santa, peregrina,

Libertadora, ideal!

Não haja, após nossos passos,

Dos genidos – os compassos

Dos erros – o nó fatal!

Quebrems as mil correntes

Dos dogmatismos ferventes,
Insidiosos e vis!
Pelo rádio, pela imprensa,
Disseminemos da Crença
As clarinadas viris!

Pelas praças, pelos lares,
Pelos floridos solares,
Da natureza na luz,
Por toda parte levemos
O mandamento do – “Amemos!”,
A palavra de Jesus!

O mundo sofre e poreja...
O mundo geme e fraqueja,
À falta do Sol do Amor
Façamos a luz para o mundo!
Luz sobre o abismo profundo
Da angústia, do fel, da dor!

A sombra ataca? – Lutemos!
A Treva avança? – Marchemos
Para os seus passos barrar!
Com Jesus-Cristo em noss'alma,
Da vitória a augusta palma
Havemos de conquistar!

AVANTE!

Meus amigos, se a tormenta
Enuviando horizontes,
Da alegria tolda as fontes,
Trazendo prantos de dor,

Lembremos o Cristo excelso,
No glorioso martírio,
E ergamos de crença o lírio,
Nos vales do nosso agror!

A borrasca breve passa,
Como passa a noite escura...
Depois dela brilha alvura
Da madrugada louçã...
Se a sombra campeia agora
Nas telas do nosso sonho,
Será formoso e risonho
O despontar do amanhã!

Não descreiamos vencidos!
Não recuemos na liça!
Se a força do mal atija
Desenganos e sofrer,
O Arcano Celeste apresta
As legiões portentosas,
Para as vitórias gloriosas
Dos que sabem combater!

A esperança, irmã da aurora,
E' chama de sol eterno,
Que tanto brilha no inverno,
Quanto fulge no verão!
Avante! Sus! Não temamos!
Para o Alto! Sempre à frente!
Jesus é Mestre Potente!
Tende fé nos que virão!

CAMINHEMOS!

Dantes dizia um triste alguém a alguém mais triste:

- “Vê que gente infeliz a que na Terra existe!
Sofre toda a existência, chora, sonha e lida,
Para ao nada volver, quando lhe finda a vida!”

Hoje diz esse alguém a alguém que esculta:

- “Não é vã, sobre a Terra, a mínima labuta!
À luz do Espiritismo agora compreendemos
Que no eterno viver plantamos e colhemos!

“Que a vida se renova em cenários diversos,
E que além do universo há outros universos...
Que para lá da morte a vida refloresce,
E a memória do tempo coisa alguma esquece...

“Hoje sabemos nós que uma Justiça existe,
À qual erro nenhum se eclipsa ou resiste;
Que provimos de Deus e pra Deus volvemos:
Alegremo-nos pois! À frente! Caminhemos!”

SIGAMOS

Ergue-te e crê! Se a dor vibra, fremente,
Sua clava impiedosa e contundente,
E' mister resistir!
Temos nalma uma força inexaurível,
Que é a luz duma crença imperecível:
Marchemos ao porvir!

Nem sempre a treva, desolada e aflita,
Torturará noss'alma que se agita,

Ferindo-a sem pesar...

O bem anula o mal, e a luz triunfante

Surge sempre da noite agonizante,

E o Sol volve a brilhar!

Toda a mágoa que punge e abate agora,

Prepara o ser para a celeste aurora

De mais alto viver...

E' preciso sòmente que, na luta,

Guardemos nossa fé nobre e impoluta,

Seguindo a combater!